

# Por uma leitura cristã da bíblia: aportes interpretativos do ensino bíblico na comunidade eclesial

For a Christian reading of the Bible: Interpretive  
contributions for the biblical teaching in the  
church community

Para una lectura cristiana de la Biblia: las  
contribuciones de interpretación de la  
enseñanza bíblica en la comunidad de la iglesia

Marcelo da Silva Carneiro

## RESUMO

O ensino da Bíblia na comunidade eclesial se faz pela leitura do texto. Partindo do princípio de que toda leitura é interpretação, é preciso estabelecer critérios de leitura, evitando assim equívocos e desvios doutrinários. Um dos princípios mais importantes do ensino da Bíblia é a interpretação a partir da vida, da mesma maneira como fez Jesus.

**Palavras-chave:** Comunidade eclesial; ensino; hermenêutica; Antigo Testamento; Novo Testamento.

## ABSTRACT

Teaching the Bible in the local church is done by reading the text. Let us assume that all reading is interpretation, so we must establish criterias for our reading in order to avoid mistakes of interpretation and doctrinal shortcuts. One of the most important principles of Bible teaching is its interpretation parting from real life conditions, so as Jesus did.

**Keywords:** Local church; teaching; hermeneutics; Old Testament; New Testament.

## RESUMEN

La enseñanza de la Biblia en la comunidad eclesial se hace mediante la lectura del texto. Suponiendo que toda lectura es una interpretación, hay que establecer criterios para la lectura, evitando así, errores de interpretación y desvíos doctrinarios. Uno de los principios más importantes de la enseñanza de la Biblia es interpretar la Biblia a partir de la vida, así como lo hizo Jesús.

**Palabras clave:** Comunidad eclesial; enseñanza; hermenéutica; Antiguo Testamento; Nuevo Testamento.

## Introdução

O desafio de ensinar a Bíblia às comunidades de fé tem tantas dificuldades quanto a elaboração de um texto de exegese acadêmica. Isso

se dá porque o ensino da Bíblia pressupõe sua leitura, que está cheia de condicionantes e pressuposições as quais, inevitavelmente, irão interferir na forma de ensiná-la. O presente artigo tem por objetivo tratar do ensino da Bíblia a partir dessa realidade, de analisar o texto tendo em mente as condicionantes da leitura, para que a interpretação não seja ingênua, conquanto tendenciosa. Na presente exposição o tema será analisado em três tópicos:

- 1) Alguns pressupostos sobre leitura e ensino da Bíblia.
- 2) Alguns aportes para o ensino da Bíblia na comunidade de fé.
- 3) Uma breve reflexão sobre o uso do Antigo Testamento no ensino da Bíblia.

## **1. Pressupostos para leitura e ensino da Bíblia**

Leitura é como óculos: usam-se os óculos que se adequem melhor à visão, para ver o que se pretende. Alguns querem enxergar o que está longe; outros, o que está próximo. Sendo assim, leitura é interpretação; ao se ler um texto passa-se automaticamente a filtrá-lo a partir das crenças pessoais, do conhecimento que se tem sobre o assunto, e de forma até inconsciente, dos preconceitos e dogmas do/a leitor/a.

O exercício de leitura passa então pela interpretação, chave para o processo hermenêutico, tão caro ao ensino. Mas quando o/a leitor/a interfere na interpretação do texto, ele/ela faz uma “superinterpretação”; pois insere no texto conteúdos e significados que em si mesmo não estão nele. Umberto Eco fez essa advertência, ao indicar que “entre a intenção do autor e a intenção do leitor, existe a intenção do texto” (ECO, 1993, p. 29). Não se consegue esgotar essa intenção, porque o/a leitor/a qualificado/a acaba por criar várias interconexões no texto; duas pessoas farão conexões diferentes.

A história da Igreja demonstra que não existe leitura da Bíblia sem essa “interferência”, principalmente quando se analisa o período da Inquisição. Como num conto de Borges, o detentor da ortodoxia pode passar a ser um herege da heterodoxia, porque suas acusações de uma heresia anterior, depois de um tempo de maturação, alinham-se com a defesa de uma nova heresia. E o inquisidor acaba na fogueira. Assim, fica evidenciado que não há uma única maneira de interpretar os textos; isso não quer dizer, no entanto, que não existe possibilidade de critério para uma leitura adequada das Escrituras. O livre exame preconizado pela Reforma também depende de parâmetros. Como exemplo pode-se pegar a afirmação de que a Bíblia é o único livro de regra de fé e prática, que é uma crença autêntica, e ensinar que a mulher deve ficar calada na Igreja, porque é isso que a Bíblia diz. Nesse caso os condicionantes da leitura, no caso o sexismo e o literalismo, influenciam no ensino da Bíblia.

Assim, um primeiro pressuposto importante é o reconhecimento da existência de “lentes” na leitura do texto bíblico. Ao fazer esse reconhecimento da linha de interpretação que está sendo utilizada para ler e interpretar o texto há um desmascaramento ideológico, ou seja, esvazia-se o desejo de controlar o modo como a comunidade irá receber o texto, e até mesmo de controlar a consciência dela. Por outro lado, a educação popular tem mostrado que só se pode estudar adequadamente um texto quando se leva em conta a vida. Contextualizando o ensino com a vida, tanto do/a leitor/a quanto da comunidade que inicialmente recebeu o texto, se permite ler o texto com mais propriedade e critério. O significado do texto deixa de ser um exercício individual e passa a ter um viés coletivo, essencial na vivência eclesial.

Jesus fez essa leitura da Torá: desconstruiu princípios de tradição que aprisionavam as pessoas e estabeleceu critérios vitais para a interpretação da Lei. Ao mesmo tempo, utilizava recurso contextuais a partir do cotidiano, partindo do ponto de onde seus ouvintes estavam, como no caso das parábolas. Quando Ele afirmou que há dois mandamentos mais importantes que todos os outros, enfatizou a centralidade dos relacionamentos – amor a Deus e ao próximo – na vivência real da fé. O ensino da Bíblia só terá relevância se estiver apoiado nessa dupla disposição. Outro pressuposto básico para a leitura da Bíblia devem ser os valores e princípios gerais cuja fonte é o Evangelho de Jesus Cristo.

Temos assim pelo menos três princípios fundamentais para leitura do texto: o reconhecimento de que se usa uma linha de interpretação no texto, a contextualização dele na vida da comunidade, e a percepção de que Jesus lia o texto com base na centralidade dos relacionamentos. Considerado isso, podemos pensar alguns aportes para o ensino da Bíblia.

## **2. Aportes para o ensino da Bíblia**

### ***2.1 Possibilidades para o ensino da Bíblia***

Pensando em termos de metodologias para o ensino da Bíblia, sem entrar em contradição com o que foi posto até agora, podem ser destacadas algumas abordagens interessantes e que não comprometem o teor da mensagem bíblica. Wayne Rood, em sua obra “El Arte de Enseñar el Cristianismo. Hacia la revolución por el amor”, destaca quatro modos de ensinar a Bíblia, que podem dar pistas para essa metodologia:

#### ***a) Como acontecimento e episódio***

Os relatos dos personagens bíblicos em geral estão cheios de riqueza em termos de ensinamentos e mostram o drama da existência humana, com suas alegrias e tristezas, sucessos e fracassos. É admirável que

Abraão, o pai da fé, tenha sido retratado como um homem contraditório, que crê, mas questiona a promessa, corajoso para lutar, mas mente sobre Sara para preservar sua vida.

Rood indica a possibilidade de ler essas histórias simplesmente por elas mesmas, sem tentar explicar nada, deixando as palavras falarem por si. Isso pede que a leitura seja feita por um bom contador de histórias. Tanto crianças quanto adultos poderão se familiarizar com as histórias. O recurso visual pode ajudar no processo, tendo em vista a forte cultura visual que permeia a sociedade contemporânea.

#### b) Por meio de seus *sons e cadências*

Aqui também se trata da leitura do texto sem interferência do/a leitor/a, deixando que a métrica dos textos, a inspiração que envolveu os escritores, envolva igualmente o/a leitor/a. Permitir que ressoem no ato de ouvir a beleza, a paixão, a aspiração e inspiração, o amor e a esperança de textos como salmos, epístolas e narrativas dramáticas..

Esse tipo de leitura deve estar a cargo de pessoas habilitadas, intérpretes, que não tornem o texto uma leitura formal, embrulhada num esquema piedoso, mas feita como parte da vida, pois é da vida que os textos surgiram.

#### c) Como *literatura*

Ensinar a Bíblia como literatura é levar em conta que, de fato, se está diante de uma biblioteca, uma das mais antigas do mundo, importante por seu conteúdo, sua antiguidade e sua qualidade. A apreciação da Bíblia desse modo tem a mesma metodologia de outros documentos importantes, bem como se explicam os bons textos de literatura. Ou seja, levar as pessoas a questionamentos de análise literária, em cada unidade do texto bíblico, sem medo das respostas que podem aparecer.

Do ponto de vista literário, podem ser feitas algumas perguntas:

- *O que disse o escritor?* A resposta se dá em vários níveis: sua mensagem como um todo, de forma resumida, se for possível; as ideias temáticas, separadas e identificadas; seus conceitos e preocupações especiais, perceber se seu argumento confirma a tese principal, ou não.
- *Conseguiu dizer?* O/a estudante do documento deve ser capaz de perceber o quão efetiva foi a mensagem passada pelo autor, e o que significa para ele. Mais ainda, o/a estudante entendeu essa mensagem? O que ela significa para ele/a?
- *De que modo o autor passou sua mensagem?* Identificar sua forma literária, pois ajuda a perceber o ambiente vivencial que originou o texto, seja poesia, drama, história, sermão ou carta. Além

disso, a qualidade da linguagem deve ser saboreada parágrafo por parágrafo, o que pode exigir mais tempo na exposição.

- *Valeu a pena dizer?* Era uma mensagem particular ou universal? Como se percebe esse ensino na Igreja hoje. Caberia aqui pesquisar o impacto dessa mensagem nos primeiros leitores, se é que se pode alcançar essa reação, mas uma pesquisa nesse sentido é interessante porque pode mostrar como o texto foi recebido pela Igreja.

#### d) Como *história*

Aqui, importante é perceber que a Bíblia não é um texto de história no sentido moderno do termo, como relato factual, aspecto que o/a educador/a deve ter bem claro. Isso quer dizer que o texto bíblico não é balizado por normas científicas com relação às evidências históricas. De fato, ele é resultado da guarda de uma memória coletiva, reconstruída em situações específicas, com um objetivo muito claro: é o documento de fé de um povo – isso vale para os dois testamentos. Na verdade, a Bíblia é um documento histórico de índole especial.

Isso não quer dizer, em contrapartida, que não se possa relacionar os eventos narrados na Bíblia com acontecimentos não bíblicos, documentados, de todos os tempos. Por exemplo, inserir a história de Israel (a partir de Abraão) e da Igreja num quadro cronológico em paralelo à história geral é de grande ajuda. O uso de mapas também é muito útil para localizar eventos e épocas.

Aqui, o estudo passa a ser relacionado com o quadro histórico de nascimento do texto: é possível determinar a data em que foi escrito? Que relação esse texto tem com outros textos bíblicos e não bíblicos? Em que medida a fixação de uma data é conjectural? É realmente importante conhecer a data, ou mesmo conjecturar? Qual é o contexto cultural? O texto reflete elementos do deserto ou da cidade, da Palestina ou da Diáspora, da monarquia ou do período tribal? Quem foi o autor, e como ele se relaciona com os eventos narrados? É possível perceber fontes e uso de outros materiais no texto? Quem foram os destinatários do escrito? Que elementos teológicos e confissão de fé o texto expressa: uma comunidade da aliança exclusivista ou universalista, uma teologia nacional, ou um monoteísmo emergente, o pensamento hebraico moralista ou a sabedoria analítica grega?

Nesse caso, o modo como o texto fala de Deus faz toda a diferença e é um indicativo importante para esse estudo: que aspecto da revelação – automanifestação de Deus – o texto apresenta? Como Deus age, e como as pessoas reagem? Que questões existenciais aparecem no texto, como resposta às grandes questões humanas? Como esse material se

relaciona com o evento Jesus Cristo e seu significado para nós? Como se pode usar esse texto para aclarar o que Deus quer dizer ao ser humano e tornar possível uma resposta positiva? (ROOD, 1971, p.187-196).

## *2.2 Escolhas e exigências para o preparo no ensino da Bíblia*

O ensino da Bíblia nessas bases apontadas exige, naturalmente, um aprofundamento por parte do/ educador/a. É preciso conhecer a natureza dos diferentes textos bíblicos. Além disso, há que se levar em conta a faixa etária dos/as educandos/as. A pedagogia e a didática podem ser importantes suportes na separação de materiais que levem em conta esse aspecto da educação. Por exemplo, as crianças necessitam de ensino mais visual, das histórias por si, sem grandes explicações. Mas quando chega a adolescência, com seus questionamentos, a natureza do estudo deve ser mais profunda, histórica. A juventude e idade adulta permitem um estudo mais teológico – que não significa hermético – e com questionamentos existenciais mais profundos.

Da parte do/a educador/a torna-se imprescindível um bom preparo de conteúdo, bem como uma escolha adequada da didática a ser usada, a partir da definição do público-alvo e do objetivo. Pode-se escolher estudar um livro, ou um tema na Bíblia como um todo, mas é preciso primeiro ler o texto e os materiais de apoio. A boa leitura do texto não depende necessariamente de que ele seja traduzido do hebraico ou do grego. Uma boa comparação entre várias versões, com o uso de dicionários bíblicos e vocabulários já dá ao/à estudioso/a um olhar mais qualificado que simplesmente uma leitura superficial. A leitura de comentários e introduções pode ajudar a contextualizar o material de estudo.

A partir dessa pesquisa inicial é que começa-se o processo de elaborar anotações, que indiquem os aspectos mais importantes percebidos na leitura. De acordo com a faixa etária, elaboram-se questões para incentivar a participação das pessoas; um bom ensino não precisa ser necessariamente unilateral, pode ser realizado em diálogo (ex: sete semanas de leitura de Jo 4).

O uso de mapas e quadro cronológico é indispensável nos estudos mais históricos, ou quando se quer contextualizar o livro. Já não são tão necessários quando o foco é o ensino teológico do texto. Mesmo assim, sempre é bom ter esses recursos à mão.

## *2.3 Ensino da Bíblia no ambiente eclesial*

O/a mestre/a tem diante de si uma grande tarefa: de motivar, interpretar e facilitar aos alunos e alunas a leitura e compreensão da Bíblia. Mas como educador/a vinculado/a a uma comunidade de fé não pode ser uma orientação a partir de si mesmo/a, delimitando por ele/a mesmo/a o que

é bom ou não para o grupo. A responsabilidade que é delegada a ele/a pela Igreja não permite que o currículo seja da escolha pessoal. Desse modo, já há um processo seletivo a ser levado em conta, o de que o/a educador/a eclesial tem sobre si uma leitura interpretativa da Bíblia que deve estar alinhada com a direção doutrinária estabelecida pela Igreja à qual está integrado/a. Para que isso aconteça de forma adequada, podem ser seguidos os princípios indicados a seguir:

a) *Conhecer a doutrina* que se professa

Ao lado da mensagem bíblica, o/a educador/a precisa conhecer a doutrina de sua confissão cristã (metodista, presbiteriana, batista, católica etc.). Afinal, como se interpreta a salvação? E o batismo? Como entender a questão do pecado e da graça agindo na pessoa?

Além disso, existem hoje muitas doutrinas periféricas de outros grupos que estão influenciando outras igrejas. O/a educador/a deve ter respostas para essas questões, pautado/a na interpretação das Escrituras a partir da doutrina de sua confissão. Por isso é que não pode isolar leitura da Bíblia e orientação doutrinária da Igreja, pois “a doutrina confessada a maneira pela qual a Bíblia é lida e interpretada” (BRAKEMEIER, 2003, p. 58ss).

b) *Diferenciar exposição bíblica de ensino doutrinário*

Quando se vai tratar de temas muitas vezes complexos e polêmicos, é necessário aliar a explicação bíblica com o ensino doutrinário. Eles não são a mesma coisa, mas se complementam e afirmam mutuamente. **Exposição bíblica** pode ser entendida como a *contextualização do texto*, a explicação daquilo que o texto diz para os ouvintes da época, em termos teológicos. Já o **ensino doutrinário** pode ser caracterizado pela *explanação ao grupo atual sobre a maneira como um determinado ensino das Escrituras é entendido e aplicado pela Igreja*, atualizando o sentido do texto a partir da linha interpretativa adotada.

Essa diferenciação já aparece desde as grandes questões, como na soteriologia, e ganha aspectos de polêmica quando os temas periféricos ou secundários são tratados com importância por alguns grupos (ex: evidência do batismo no Espírito Santo por meio do dom de línguas; maldição hereditária, arrebatamento etc.).

c) *Ensino ligado à prática*

Essa é uma questão levantada a partir do ensino bíblico. De que vale o ensino sem a prática? O fato é que a vida cristã se faz não por um amontoado de convicções boas, e muito conhecimento doutrinário, mas pela maneira concreta com que se lida com esse conhecimento e essas convicções. Wesley ensinava que a vida cristã equilibrada parte da

*ortodoxia* – a doutrina correta, passa pela *ortophatia* – o sentimento correto, para chegar a uma *ortopraxia* – a prática correta. As três dimensões devem ser coesas e conexas (RUNYON, 2002, p.186-192).

Assim, o ensino da Bíblia extrapola o sentido de um ensino apenas teórico, mas ganha o ambiente da vida, em que a prática acontece. Ao mesmo tempo, a vida deve indicar as questões que serão estudadas; nada de um estudo divorciado, mas contextualizado. Os problemas de uma comunidade carente do Rio de Janeiro não são exatamente iguais aos de um grupo indígena na Amazônia. As diferentes situações da vida e os diversos grupos trarão inquietações próprias, além daquelas que afetam a todos.

### **3. Para compreender a relação entre o Antigo e o Novo Testamentos**

Um dos pontos de atrito das diferentes leituras e estudos é a maneira como se relacionam o Antigo e o Novo Testamentos. É comum afirmar-se que o Antigo Testamento prefigura a Cristo, e que o Novo Testamento fala Dele claramente, como verdade revelada. Isso é correto, do ponto de vista da fé cristã, mas as coisas não são assim simples. Senão vejamos:

#### **3.1. Os problemas do Antigo Testamento para o mundo atual**

O Antigo Testamento é um tesouro para as muitas gerações que tem tido acesso a ele. Sem dúvida, deve-se a ele a base da fé de uma grande parcela da população mundial, e na Antiguidade, da fé dos apóstolos, pois só poderiam esperar o Messias se já houvesse algo relacionado a ele nas Escrituras. No entanto, o AT traz muitos problemas para a consciência do mundo moderno. Questões morais e éticas que trazem dificuldades para um mundo onde o imperativo é o diálogo, a humanização e a preservação socioambiental. Como entender um Deus de amor e misericórdia que manda matar criancinhas? Como entender que pessoas, na maioria das vezes homens, pudessem ser tão violentas e antiéticas, e ainda assim aparecer na galeria dos heróis da fé? Ou ainda, o que dizer de um Deus que ora quer destruir o povo, ora tem um profundo amor e alegria por ele?

Essas questões já não podem ser respondidas como eram antigamente, sob pena de afastarem-se aqueles que a mensagem cristã poderia alcançar. E isso não é “adaptação” do texto à nova realidade, mas a percepção de que questões culturais estavam por trás do texto, por exemplo, como a forma de tratar a mulher (por exemplo, um olhar mais detido percebe que o mandamento de não cobiçar relaciona a mulher como um objeto que pertence ao próximo, junto com as coisas, escravos e animais).

#### **3.2. Contexto cultural**

Conclui-se que precisa haver uma leitura mais criteriosa do texto bíblico vétero-testamentário, com certo distanciamento crítico, para as



histórias, leis e ensinamentos do Antigo Testamento. Há uma distância cultural muito grande entre o ambiente do povo hebreu/israelita até o século primeiro, e a contemporaneidade. Tentar ignorar essa distância é incorrer no erro de interpretar várias passagens de maneira equivocada, e até fundamentar erradamente doutrinas e costumes da Igreja.

No artigo 6 dos 25 Artigos de Religião, presentes nos Cânones da Igreja Metodista (2007,p. 38), é possível ler a seguinte posição quanto ao Antigo Testamento:

O Antigo Testamento não está em contradição com o Novo, pois tanto no Antigo como no Novo Testamentos a vida eterna é oferecida à humanidade por Cristo, que é o único mediador entre Deus e o homem, sendo ele mesmo Deus e Homem; portanto, não se deve dar ouvidos àqueles que dizem que os patriarcas tinham em vista somente promessas transitórias. Embora a lei dada por Deus a Moisés, quanto às cerimônias e ritos, não se aplique aos cristãos, nem tão pouco os seus preceitos civis devam ser necessariamente aceitos por qualquer governo, nenhum cristão está isento de obedecer aos mandamentos chamados morais.

O parâmetro dado por Wesley, idealizador dos 25 artigos de religião, é o de separar aspectos éticos e morais de aspectos relativos à fé. A perspectiva dele, sem dúvida, é de associar o Antigo Testamento ao Novo pelo viés cristológico, abordagem comum aos teólogos até décadas recentes. Importante nessa posição é a relativização dos valores e mandamentos do Antigo Testamento, compreendendo que não podem ser considerados de forma absoluta para a prática religiosa na atualidade.

Hoje, há uma tendência de se tratar o Antigo Testamento em diálogo com o Novo; nessa perspectiva é que Erich Zenger afirma que

... se nos embasamos na distinção (talvez demasiado simples) de que há uma hermenêutica voltada para o autor e outra voltada para o leitor, a hermenêutica da dialogicidade canônica faz parte do tipo voltado para o leitor, porque estabelece entre textos de ambos os Testamentos um tecido de relações, ou um diálogo, que não precisa necessariamente ser o que projetaram e construíram os autores, mas sim os leitores – no horizonte da comunhão de fé (ZENER, 2003, p. 27).

Não haveria assim, uma primazia de uma parte sobre a outra, mas o diálogo; no caso dos/as cristãos/ãs, é evidente que esse diálogo passa pela maneira como Jesus Cristo leu o Antigo Testamento.

### **3.3 O ensino da Bíblia a partir de Jesus**

De certa maneira foi Jesus quem nos indicou esse caminho, quando se colocou como novo legislador (como atestado no sermão do monte,

em Mateus, capítulos 5 a 7), ao tomar aquelas verdades culturais que os fariseus haviam tornado absolutas e desmascarou-as uma a uma. Fez isso sempre com um parâmetro em mente: a única coisa que tem valor absoluto é a vida, e a vida do outro acima da minha própria (CARNEIRO, 2006, p. 40).

Assim, Jesus teve liberdade de fazer *reinterpretações* (como no caso da lei sabática), *revisões* (como no caso do adultério e da “lei de talião”) e *confirmações* (especialmente no tocante ao amor e à misericórdia), que ajuda a perceber como se deve entender o Antigo Testamento, pois não abriu mão de usá-lo (cf. Lc 4.17ss) e citá-lo (cf. Mt 21.12,13) para respaldar seu ministério. Nesse sentido é possível afirmar que o próprio Jesus não era fundamentalista, mas interpretava a Palavra de Deus de acordo com seu tempo e sua situação (BRAKEMEIER, 2003, p. 74). Buscava a essência da Lei e não simplesmente a letra. Se não fosse assim, Jesus teria pecado ao curar no sábado, teria errado ao impedir o apedrejamento da mulher adúltera, e teria que concordar com todas as atitudes dos fariseus, esses sim, extremamente fundamentalistas. O mesmo se deu com os apóstolos depois, seja em seus discursos (cf. Atos 2.14-36) seja em suas epístolas (Paulo principalmente, cf. Rm 4.7-8; Ef 6.2,3) (Cf. CARNEIRO, 2006, p. 53).

Dessa forma, uma leitura do Antigo Testamento em bases cristãs deve buscar no texto sempre a mensagem que está de acordo com o espírito da Nova Aliança em Jesus Cristo, conforme registrado no Novo Testamento. Essa afirmação é diferente daquela que pretende ver Cristo no AT, porque estabelece princípios e valores, sem tirar do texto sua mensagem primordial. Por isso o Novo Testamento deve sempre ser parâmetro para a leitura do Antigo. Com isso evitaremos desvios, exageros, modismos e coisas similares, que venham nos distanciar da centralidade da mensagem: a boa nova do Evangelho de Jesus Cristo.

## **Conclusão**

O ensino da Bíblia na comunidade eclesial é um desafio que precisa ser encarado com seriedade e alegria, ao mesmo tempo. Tarefa especial que pode render muitos e gratos frutos, no processo de aprendizagem. A intenção do presente artigo não foi de definir regras fechadas, mas apontar pressupostos e indicar princípios para uma leitura e ensino que não sejam mera repetição de esquemas aprendidos, mas fruto de compreensão do texto em si, aliada aos princípios de confissão de fé que o/a educador/a representa.

Por outro lado, é bom deixar claro que, mesmo com todo esse preparo, ao mestre e mestra não é dada uma autoridade absoluta sobre educandos/as. O verdadeiro saber é construído coletivamente, tanto pela

troca de experiências quanto pelo entendimento que os participantes têm do texto lido. Um ensino cristão que não passe pelo ouvir, além do falar, será contraditório, pelo simples princípio de que a Igreja é um lugar sem hierarquias, mas onde todos têm oportunidade igual. Esse também é um bom princípio para o ensino bíblico.

### **Referências Bibliográficas**

- BRAKEMEIER, G. *A autoridade da Bíblia*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2003.
- CARNEIRO, M. *Introdução ao Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Quartica, 2007.
- COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. *Cânones da Igreja Metodista 2007*. São Paulo: Cedro, 2007.
- ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- PREISWERK, M. *Educação Popular e Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ROOD, W. R. *El Arte de Enseñar el Cristianismo*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1971.
- RUNYON, T. *A Nova Criação: a teologia de João Wesley hoje*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002.
- ZENGER, E. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.